



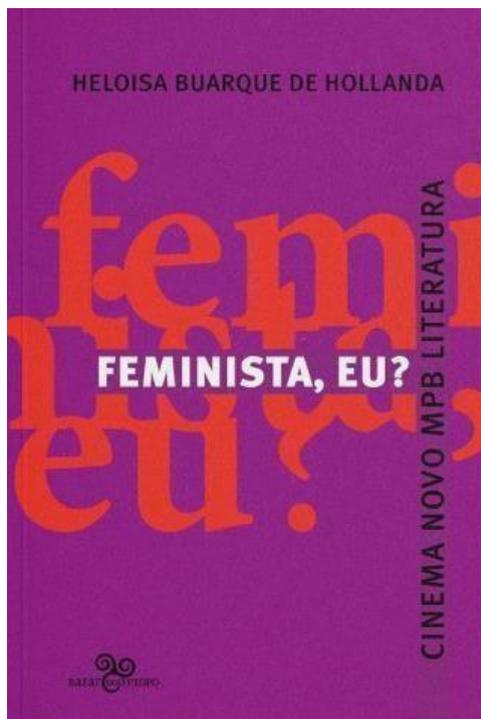
RESENHA



Feminista, eu?: literatura, cinema novo e MPB.

Suzana Morelo Vergara Martins Costa, *Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH-UFSC)*.

HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Feminista, eu?: literatura, cinema novo e MPB*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.



Os movimentos feministas, há mais de um século, introduzem mudanças significativas na realidade social. Novas “artes do fazer”, oriundas destes movimentos, são incorporadas ao cotidiano. Este é um acontecimento de mão dupla, tanto os movimentos impactam a realidade social, como as realidades sociais atualizam as agendas e tornam os movimentos vivos.

Na América Latina, marchas como a Marcha das Vadias e o movimento Nem Uma a Menos, além do uso de tecnologias e redes sociais, indicam uma nova geração de feministas e formas de ativismo diferentes das experimentadas por gerações anteriores. A chamada “quarta onda feminista” adentra o século XXI após o ano

de 2013. Esta nova fase traz para o debate público brasileiro e latino-americano “os feminismos”. É para esta nova geração de feministas (e para as anteriores!) que Heloísa Buarque de Hollanda escreve o seu livro “Eu, Feminista? Literatura, Cinema Novo e MPB”, lançado em 2022 pela Editora Bazar do Tempo.



Heloísa Buarque de Hollanda é professora emérita da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Formada em Letras Clássicas pela PUC- Rio, é mestra e doutora em Literatura Brasileira pela UFRJ. Possui pós-doutorado em Sociologia da Cultura pela Universidade de Columbia. Dedicase aos estudos culturais com ênfase nas teorias críticas da cultura e nos estudos feministas e de gênero. Durante a ditadura militar, foi amplamente reconhecida pelo seu trabalho sobre a “cultura marginal” e a “geração do desbunde”. É organizadora de livros como *26 poetas hoje* (1976) e *Y nosostras latino americanas? Estudos de raça e gênero* (1992). Atualmente, ela é responsável pela organização da coleção Pensamento Feminista da Editora Bazar do Tempo. Em *Feminista, eu?*, oferece um rico material sobre os feminismos no Brasil e o papel das mulheres na cultura brasileira: na literatura, no cinema e na música.

“Qual teria sido o impacto do novo movimento feminista na produção cultural das mulheres?” é a principal pergunta da autora. O foco do livro é mapear a influência do feminismo de segunda onda sobre a obra de mulheres artistas e produtoras culturais que, “apesar de progressistas e talentosas, muitas vezes até temiam ser chamadas de feministas” (HOLLANDA, p. 20, 2022). A autora compartilha da vida e obra de mulheres artistas e produtoras culturais brasileiras e situa suas produções junto às agendas feministas da segunda onda.

Logo pela capa, o livro chama a atenção: a equipe editorial destaca algumas palavras em tamanho grande, remetendo-nos aos letreiros de cinema. A dedicatória é para a escritora Rachel de Queiroz, que, segundo a autora, tinha pavor de ser reconhecida como feminista. Em tom de brincadeira, Heloísa escreve: “perdeu, Raquel”. O sumário, diferente do habitual em obras acadêmicas, aproxima-se ao universo da literatura e das artes, dividindo-se em: Bastidores; Capítulo I - O que fazer?; Capítulo II - Palavra de Mulher; Capítulo III - As barricadas do Cinema Novo; Capítulo IV - Enfrentando a MPB; Mini Advertência à guisa de conclusão; Referências Bibliográficas e Entrevistas para o livro.

Nos *Bastidores*, a autora contextualiza as idas e vindas na criação do livro. “Tantas metas imaginadas e tantas outras quase realizadas” levam a autora a abrir os bastidores da escrita às suas leitoras e leitores. A ideia para a escrita do livro, surge em meio ao turbilhão provocado pela descoberta (e posterior paixão da autora) da “quarta onda feminista”.



Heloísa, refere-se às feministas da “quarta onda” como suas “netas políticas” e, enquanto figura mais experiente, sente a “missão” e o “dever” de partilhar com essas gerações o seu conhecimento e vivências. Este primeiro impulso resulta na criação da coleção *Pensamento Feminista* pela Editora Bazar do Tempo, uma coletânea com mais de 1600 páginas de textos de feministas que incentivaram Heloísa a refletir “feministicamente”. O foco da autora, na procura pelos “conceitos seminais” de sua formação feminista, foi no “trabalho das primeiras pensadoras brasileiras, sua dicção marxista, suas particularidades como a de um pensamento que conseguiu desafiar o rigor da censura de uma ditadura militar” (HOLLANDA, p.12, 2022). Um trabalho de legado para as gerações atuais de feministas, já que os textos encontram-se poucos disponíveis.

Heloísa percebe que para as feministas da quarta onda, “o feminismo estava a ser inventado ali, no espaço das manifestações de rua e dos teclados dos notebooks e telemóveis” (HOLLANDA, p.12, 2022), como se as lutas e conquistas das gerações passadas — a sua própria geração — não contribuíssem para o feminismo atual. Em colaboração com Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy, a autora inicia um projeto de investigação para registrar o que até então apenas circulava em trabalhos esparsos, fotos, fragmentos de notícias e conversas.

Branca Moreira e Jacqueline Pitanguy ficaram encarregadas de escrever sobre os movimentos feministas, enquanto Heloísa abordou o impacto destes movimentos na cultura, incluindo a MPB, o Cinema Novo e a literatura. “Não deixar desaparecer as histórias não escritas”, era o conceito que ambas compartilhavam. Dessa colaboração, resultaram os livros *Feminismo no Brasil: Memórias de quem fez acontecer* (2022) e o livro em resenha: *Eu, Feminista? Literatura, Cinema Novo e MPB* (2022), ambos publicados pela Editora Bazar do Tempo.

Em *O que fazer?*, primeiro capítulo do livro de Heloísa, é compartilhado o período reconhecido como o surgimento da segunda onda feminista: a semana do dia 30 de junho a 6 de julho de 1975, período de realização do *Seminário Pesquisa sobre o papel e o comportamento das mulheres brasileiras*, na Associação Brasileira de Imprensa do Rio de Janeiro (cinemaEste ano, de 1975, foi realmente significativo para os movimentos feministas. O debate político dos direitos das mulheres, reverbera em diferentes instâncias: políticas, econômicas, religiosas e civis. É a primeira vez que a busca pela equidade de gênero aparece em



uma Conferência Mundial da ONU. Mulheres brasileiras que tiveram contato com o movimento feminista e de mulheres na Europa regressam ao país, ainda sob a ditadura militar, trazendo pautas e teorias feministas para o contexto nacional. Surge o movimento feminista pela anistia, e a década se configura como a década das mulheres. A escolha da data, embora arbitrária, faz parte do período que se convém chamar de “marco fundador” do novo movimento feminista, embora, ressalte a autora, isso não exclua importantes antecedentes de reivindicações e movimentações de mulheres na área da cultura e da política.

Para a autora, o ano de 1964, ano em que ocorreu o golpe militar, foi um “divisor de águas na política e na cultura” (HOLLANDA, p.20, 2022). Um novo ativismo entra em cena, movido pela insurgência jovem contra a ditadura. O ativismo cultural expressa-se nos festivais de canção, no teatro, nos *happenings* das artes plásticas... Apesar da repressão da ditadura militar, a cultura e as artes no Brasil demonstravam a sua força de resistência e a década se configura como “a era de ouro da cultura brasileira”. Este movimento de contracultura, tonificado por uma revolução comportamental, encontrou alguns limites incômodos. O corpo, a liberdade sexual e o aborto, temas levantados pela contracultura, foram vistos como *persona non grata*, pela ditadura, pela igreja progressista e também pela própria esquerda, que considerava pautas “secundárias” ou “desviantes” de sua principal missão revolucionária.

O movimento do Tropicalismo conseguiu em 1967 “abrir um pouco a agenda comportamental libertária”. Mas, já no ano seguinte, é instaurado o Ato Institucional AI 5 e os anos de chumbo mitigam qualquer horizonte libertário sonhado pela juventude da contracultura. Ainda nos ambientando no contexto anterior de 1975, a autora discorre sobre como a pauta feminista naquele momento ainda era discreta no Brasil. As principais bandeiras do movimento chegavam às brasileiras pelas vozes de europeias e estadunidenses, como o escrito de Betty Friedan, a *Mística Feminina* (1963), publicado no Brasil em 1971, por Rose Marie Muraro. E o relatório Hite, escrito por Shere Hite e publicado no Brasil em 1978, com tradução da poeta Ana Cristina Cesar. É nos meados da década de 1970 que o “impacto dessas lutas tornou-se visível e contundente na produção cultural das mulheres brasileiras”. Nos anos de 1980 “a força das mulheres nas artes e nas letras torna-se de fato incontestável” (HOLLANDA, p.22, 2022).



A produção cultural das mulheres ganha protagonismo. Embora a maioria resistisse ao rótulo de feminista, suas produções e práticas demonstram, ao olhar da autora, o contrário. A ambiguidade frente aos movimentos feministas é um ponto interessante na cultura produzida por mulheres no período de 1960 a 1980. Heloísa, compartilha da “metáfora da “onda”, utilizada por teóricas para apreensão periódica das diferentes fases do movimento feminista. Esta metáfora nos ajuda a compreender a história dos feminismos, feita em “sucessivos fluxos e refluxos”. A cada fluxo, as feministas encontram recuos e resistências, frutos da “dimensão real da tarefa hercúlea e revolucionária a que se propõem as lutas feministas” (HOLLANDA, p.24, 2022). Fora do universo das ativistas, era raro mulheres atuantes na área da cultura se autoneomarem “artista feminista”. Rejeição ou hesitação em ser mulher feminista era, a bem dizer, a norma ao longo do século XX.

A autora explora também o papel da mídia na propagação de estereótipos que ridicularizavam o movimento feminista, mencionando o jornal *Pasquim* como exemplo de resistência à ditadura, mas com um histórico de preconceito contra o feminismo. Heloísa ressalta nesta primeira parte, que uma das estratégias das mulheres para adentrar na produção cultural, era a não identificação com o movimento feminista. Este, era alvo de reações conservadoras que caricaturavam e ridicularizavam as mulheres feministas. Em conjunto, o medo de serem confinadas a um nicho específico de mercado, enfraquecendo seus trabalhos e comprometendo seus reconhecimentos como artistas e profissionais da cultura, fazia com que as mulheres não ativistas, ao ensaiarem sua entrada no mercado de trabalho, não se identificassem com o feminismo. Na época, ressalta a autora, o feminismo como parte das demandas dos direitos humanos era relativamente recente, e sua ligação com a ideia de movimento radical muito forte. A autora traz uma série de mulheres jornalistas que buscaram desatar o nó desta imagem do feminismo, inovaram em suas profissões e contribuíam ao movimento feminista, como Carmen Lúcia, Edna Savaget, Heloneida Studart.

Palavra de mulher, seu segundo capítulo é dedicado às mulheres de nossa literatura contemporânea. Demonstrando vasto conhecimento, não só sobre a vida e obra das mulheres, mas sobre a literatura e história brasileira, Hollanda compartilha conosco mulheres da literatura contemporânea brasileira que inovaram em suas formas de escrita, denunciaram problemáticas sociais e refletiram sobre a condição das



mulheres. Compartilha que a presença das mulheres na literatura do século XIX se deu de maneira intensa na imprensa, principalmente em jornais que buscavam a libertação das mulheres. Traz autoras modernas como Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Clarice Lispector, Nélida Piñon, Carolina Maria de Jesus, que romperam com os cânones e trouxeram uma escrita erótica, subjetiva, política e de realidade social das mulheres, já no século XX e anteriormente a segunda onda feminista. Localiza Ana Cristina Cesar e Adélia Prado como duas poetisas definidoras de um momento de virada na poesia escrita por mulheres, capazes de olhar de perto “os acontecimentos e objetos que compõem o abafado universo feminino” (HOLLANDA, p.70, 2022).

Seu terceiro capítulo, se intitula *As barricadas do cinema novo*. Grande novidade da cena cultural dos anos 1960, o Cinema Novo traz a ideia de um cinema de autor, dono de problemáticas e linguagens próprias com viés fortemente político. Hollanda nos mostra como a produção de mulheres cineastas neste período foi vasta e rica. É no final de 1980 que a autora realiza junto com Ana Pessoa e Ana Rita Mendonça uma pesquisa sobre as mulheres no cinema. Publicada em versão impressa na série *Quase Catálogo*, a pesquisa demonstra que de 1930 a 1988, 195 mulheres estavam fazendo cinema, sendo 479 o número de filmes realizados. Embora invisibilizada, há no cinema brasileiro uma vasta produção feminina. Mulheres como Zélia Costa, Helena Ignez e Gilda Bojunga rompem a bolha do “Clube do Bolinha”, como era visto o movimento do Cinema Novo. Agora já trazendo trechos de falas e entrevistas, Heloísa esboça para nós um rico *hall* de cineastas mulheres que quando não se identificavam enquanto feministas, traziam para as suas lentes as problemáticas sociais e subjetivas das mulheres.

Já na década de 1980, cineastas como Helena Solberg, Vera Figueiredo e Eunice Gutman são as primeiras a se destacarem no quadro do feminismo. Este envolvimento se dá para além do trabalho de produção fílmica. Mostras de filmes de mulheres e o surgimento de coletivos como o Coletivo de Mulheres de Cinema e Vídeo do Rio de Janeiro, são exemplos do impacto do movimento feminista no cinema brasileiro de mulheres.

Enfrentando a MPB é o título de seu último capítulo. Nele conhecemos mulheres cantoras e compositoras da Música Popular Brasileira. Novamente, expondo vasto conhecimento e pesquisa sobre a vida e obra das mulheres, Hollanda apresenta cantoras e compositoras que romperam com as normas, criaram estilos, cantaram sobre a solidão



da mulher, fizeram rock, denunciaram a ditadura. Sempre preocupada em demonstrar os antecedentes, a autora recupera a figura de Chiquinha Gonzaga e outras compositoras como Marília Batista, Carmen Miranda e Lina Pesce. Já no período da bossa nova não encontramos mulheres compositoras, e sim intérpretes como Nara Leão, Alaíde Costa e Wanda Sá. Na MPB, entram Elis Regina, Joyce Moreno, Sueli Costa, Rita Lee entre outras compositoras e intérpretes trazidas pela autora.

A obra de Heloísa é uma homenagem a mais de cinquenta mulheres que ela traz à cena através da escrita, sendo uma excelente referência para quem deseja explorar a arte e a cultura das mulheres brasileiras e os feminismos no Brasil. A leitura incentiva-nos a conhecer as produções culturais dessas mulheres e a entender a experiência cultural brasileira sob a ditadura e durante a segunda onda feminista.

Na conclusão, a autora enfatiza a importância de expandir o feminismo além dos círculos acadêmicos e das classes com maior acesso à educação. Argumenta que o movimento também está nas periferias, onde mulheres lideram lutas contra a violência e o machismo. Mulheres que muitas vezes não se sentem contempladas pelo feminismo hegemônico. Heloísa desafia a quarta onda feminista a rever práticas e a conhecer melhor o próprio movimento, pois, segundo ela, a pergunta “Eu, feminista?” ainda merece ser feita.

O livro aponta caminhos para aprofundarmos a questão “movimentos feministas e realidade social: quem habita quem?”. O recorte da produção cultural das mulheres brasileiras no período da chamada segunda onda do feminismo, demonstra como estes movimentos irão reverberar nas práticas culturais destas mulheres. E também o contrário, a produção cultural destas mulheres situada em seu contexto político e social irá também pautar o desenrolar dos movimentos feministas junto à cultura brasileira.

Os movimentos feministas, em sua polissemia, nutrem-se da realidade social para a construção de suas agendas. E através de suas agendas impactam a realidade social, seja através da colaboração na criação de leis, de acordos nacionais e internacionais e também na construção de novas relações interpessoais. Buscar este fluxo de trocas, se faz primordial para a atualização e expansão destes movimentos. Pode vir a contribuir na criação de políticas públicas pela igualdade de gênero e fim das violências e discriminações de gênero, raça e classe. E na compreensão de que os feminismos se encontram vivos e atuantes no território latino-



americano, nutrindo-se e nutrindo as realidades sociais das quais fazem parte.

Suzana **MORELO VERGANA MARTINS COSTA**
PPGICH/UFSC Graduada em Antropologia (UFSC), mestrado em
Teatro, com enfoque em teatro feminista (PPGT – UDESC), doutoranda
no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH –UFSC).
E-mail: suzanavergara10@gmail.com

Recebido em: 28/10/2024
Aprovado em: 03/11/2024